

**MEMÓRIAS DO SILÊNCIO EM *A MANTA DO SOLDADO*,  
DE LÍDIA JORGE**

**MEMORIES OF SILENCE IN *THE PAINTER OF BIRDS*,  
BY LÍDIA JORGE**

*Lígia Vanessa Penha Oliveira*<sup>1</sup>

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.148786

**RESUMO:** O presente artigo trata de considerações críticas e teóricas sobre os diferentes tipos de memória e a forma como são evocados no romance *A manta do soldado* (2003), de Lídia Jorge. Nesta obra, a narradora e também protagonista, inominada, procura construir, a partir da memória e das informações que obtém de sua família sobre seu pai, sua relação parental. Nesse sentido, buscamos analisar o romance *A manta do soldado*, com foco na temática da memória, além de elucidar o caminho percorrido pela protagonista da obra que problematiza a difícil construção de sua identidade. As memórias sofrem interferências e se distorcem com a passagem do tempo e da imaginação, que alteram a visão dos fatos. Assim, também, refletiremos sobre a importância do espaço e de sua representação para a conservação e evocação da memória para a filha de Walter Dias – pai biológico da protagonista de *A manta do soldado* (2003), de Lídia Jorge. As reflexões suscitadas no presente artigo têm como aporte teórico as postulações de Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (2006), Gaston Bachelard (1993), Michael Pollak (1989) e Joël Candau (2016).

---

<sup>1</sup> Mestranda na Universidade Estadual do Piauí/UESPI, Especialista em Ensino de Língua portuguesa e Língua inglesa pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano/IESF e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão/UEMA.

**ABSTRACT:** This article discusses critical and theoretical considerations about the different types of memory and how they are evoked in the novel *The painter of birds* (2003), by Lídia Jorge. In this novel, the narrator and protagonist, who is nameless, seeks to build a parental relationship through the memory and information she gets, from her family, about her father. Thus, we aim to analyze the novel *The painter of birds* focusing on the memory theme, in addition, we try to elucidate the path taken by the protagonist, discussing the struggles in her identity construction. The memories suffer interference and distortion with the passage of time and with the imagination, which changes the way people see the facts. Therefore, we consider the importance of space and its representation to preserving and evoking the memories for Walter Dias' daughter. The reflections in this article are based on the theoretical contributions of Paul Ricouer (2007), Maurice Halbwachs (2006), Gaston Bachelard (1993), Michael Pollak (1989) and Joël Candau (2016).

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Silêncio; Identidade.

**KEYWORDS:** Memory; Silence; Identity.

### O despertar da memória

*Lembrar-me propriamente, só me lembrarei de ter sido erguida por ele, no momento da fotografia, quando ambos juntávamos as cabeças, e salvo as idades e as proporções, parecíamos iguais. Mas não lho podia dizer. (JORGE, 2003, p. 11-12)*

**O** sétimo romance de Lídia Jorge, *A manta do soldado*, lançado em 1998, traz uma personagem sem nome, que busca a partir da sua memória e da memória de sua família construir sua relação com o

pai, a quem chama de tio, além de demonstrar a difícil construção de sua identidade, enquanto única filha de uma relação casual e que todos os familiares desejam que fique no passado.

O romance está situado, principalmente, na casa de Valmares, espaço geográfico imaginário situado no Algarve, ao sul de Portugal. A “filha de Walter” uma das formas pela qual a protagonista é nomeada, quando tinha apenas 15 anos, teve um encontro com seu pai – Walter Dias – o caçula da família Glória Dias em 1963, e ao lembrar desse ocorrido, ela busca encontrar a si mesma refletindo sobre suas origens, procurando completar os espaços de uma vivência quase que “fictícia” no seio de uma família patriarcal portuguesa.

Sua busca é, muitas vezes, interrompida devido ao caráter volátil das memórias que sofrem interferências e se distorcem com a passagem do tempo e da imaginação, alterando a visão dos fatos e criando novos, à medida que tenta preencher espaços dos quais já não recorda.

Para a inominada, a formação de sua identidade partiu do discurso dos “outros”, da casa de Valmares, pois o discurso paternal, ao qual deveria ter-se voltado, é quase inexistente. Deste modo, a “herança” construída pela filha de Walter refere-se sempre à busca incansável por essa presença paterna que, em quase toda a obra, é pura ausência, pois, fisicamente, eles têm a oportunidade de estarem presentes no mesmo espaço apenas duas vezes, fazendo com que as lembranças que a personagem sem nome identificado tem do pai (tio Walter Dias) sejam criadas com base na recordação e nas cartas dos familiares. Seu trabalho é recolher o discurso alheio de forma crítica e seletiva para edificar a imagem do pai.

Esta narradora inominada opera um processo de deslocamento de si mesma para falar da filha de Walter, indicando o sombreamento de sua identidade em relação a seu pai, pois está inserida em um contexto, tanto social quanto privado, em que o papel da mulher define-se em relação ao do homem.

A filha de Walter coincide apenas fisicamente com a pessoa da narradora, esta, distanciada no tempo dos fatos que narra, vê-se como um outro ser liberto da experiência de ter sido unicamente a filha de alguém. A inominada fala do silêncio sobre o qual se ergueu sua própria história, apontando as partes podres do alicerce em que se apoia o modelo canônico de família, sustentáculo da condição de submissão da mulher.

Além da identidade e das memórias suscitadas pela personagem sem nome, o espaço da casa de Valmares é uma espécie de memória viva de sua existência, pois é em seu próprio lar que toma conhecimento e vai se apropriando dos fatos. Cada espaço da Casa de Valmares, propriedade rural de seu avô Francisco Dias, representa uma fonte de informação, de memórias a serem recuperadas.

Cada local possui uma particularidade ou um objeto que deseja preservar: fotografias de um momento que esteve com o pai, recordações da mãe, Maria Ema, pedindo-lhe para chamar o pai de tio, o álbum de pássaros de Walter Dias, sua farda que ficara guardada no armário do quarto da filha, a escada que seu pai subiu para lhe fazer uma visita em uma noite, a porta de seu quarto, como uma metáfora para sua própria vida, que estaria sempre aberta para o retorno do pai.

A manta de soldado, que dá nome a este romance, é um objeto muito valioso para Walter Dias, sendo que contém grande parte de sua história e da história da filha, pois alguns dos familiares contam que foi sobre esta manta que a filha fora concebida; dentre outros objetos que em muitos momentos evocam memórias não só da filha de Walter, mas de todos que convivem na casa de Valmares. E, ainda, porque em cada local da casa ficaram as marcas definitivas de uma criação rigorosa, da falta de amor, da intolerância e de um ambiente marcado pela resignação aos costumes de submissão ditados pelo avô Francisco Dias.

Dessa maneira, propomos a análise do romance *A manta do soldado*



com foco na temática da memória, a fim de elucidar o caminho percorrido pela protagonista da obra, que problematiza a difícil construção de sua identidade, como também refletir sobre a importância do espaço e de sua representação para a conservação e evocação da memória para a filha do Walter Dias.

### **Memórias do silêncio**

Em uma tentativa de lembrar e escrever quem foi seu pai e, ainda, descobrir porque ele foi embora, deixando a única filha para ser criada pelo irmão, uma personagem sem nome narra esse romance, em sua maior parte em terceira pessoa, mas em alguns momentos deixando escapar a sua identidade, sendo ela filha do acaso de uma única noite em que Walter Dias deitou-se com Maria Ema.

*[...] a filha de Walter lembrou-se de contar o que corria sobre a manta de soldado. Que a filha fora feita sobre a manta, a mesma que servia de assento na charrete, a mesma sobre a qual seu dono se estendia ao comprido no campo, para desenhar os pássaros. (JORGE, 2003, p. 160)*

Em toda a obra não é dito o nome da filha de Walter, sendo assim denominada no romance apenas pela condição de ‘filha de Walter’, essa condição de sem nome revela, além da culpa que a narradora sente por existir, que as suas memórias com o pai deveriam ser esquecidas, o que nos leva ao que postula Candau (2016):

*Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar a sua existência; reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade. (CANDAU, 2016, p. 68)*

Assim, a filha de Walter se encontra subjugada por sua condição de excluída da família. Segundo o pensamento de Candau, isso se deve pelo apagamento de seu nome, pois, ao reprimir essa informação não é possível lhe atribuir uma identidade, nem mesmo sua existência. O esforço de recordação da filha de Walter revela a sua insubmissão para com o modelo de família em que foi criada, baseada nas mentiras e na ordem do avô Francisco Dias, em deixar no passado a história que Walter Dias teve com Maria Ema, retirando de sua neta a oportunidade de conviver com o pai.

*Agora Walter Dias pode deixar a porta aberta, fazer passadas de sola, ou mesmo passadas de ferro, se fosse caso disso, que poucos se importarão com o nosso laço ou com a nossa vida. Estamos protegidos pelo esquecimento tecido pelo labor dos anos e pela própria harmonia que desceu sobre a união de Maria Ema e Custódio Dias, transformados nos únicos residentes da casa.*  
(JORGE, 2003, p. 11-12)

Contudo, a filha de Walter inicia a procura de si mesma e essa “busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à “rapacidade” do tempo, ao “sepultamento” no esquecimento” (RICOUER, 2007, p. 48), ou sua recordação, tal como disse Aristóteles, é a busca ativa da lembrança e esta é a todo o momento ressignificada por essa mesma busca.

Esse esquecimento é designado como o oposto ao esforço de recordação, e é o que o avô Francisco Dias deseja que aconteça, que ninguém se lembre do que ocorreu no passado, porém a filha de Walter é a memória viva dos acontecimentos e, ainda, segundo Pollak “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p. 03), o discurso oficial dos familiares de Francisco Dias deveria ser sempre o de que

a relação de Walter Dias e Maria Ema nunca existiu.

A difícil convivência com os familiares é, para a filha de Walter, um obstáculo para a construção de sua identidade, pois ao buscar respostas nas suas memórias e nas lembranças dos familiares, acaba por preencher com a imaginação muitos aspectos que não foram compartilhados, sendo que “uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças” (CANDAUAU, 2016, p.47). As memórias com o pai foram se esvaindo ao longo dos anos e esse esquecimento se intensifica na medida em que sua própria mãe, Maria Ema, pediu-lhe que esquecesse que Walter era seu pai, e que o chamasse apenas de tio, o que a filha acatou com facilidade, visto que ainda era uma criança quando começaram a colocá-la contra o pai verdadeiro.

Depois de adulta, a filha de Walter precisou percorrer por muitas memórias, cartas, fotografias e outros objetos deixados pelo pai para rerepresentar sua relação parental, porque “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (CANDAUAU, 2016, p. 59). Apesar das incongruências entre suas lembranças e as lembranças da família, a filha de Walter conseguiu descobrir muitas histórias do pai, o que nos direciona para a proposição de Halbwachs, que diz:

*Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)*

Segundo a laboração de Halbwachs, a memória é construída coletivamente na medida em que os testemunhos se coadunam e constroem lembranças análogas entre os que testemunham. Na obra de Lídia Jorge é difícil para a

filha de Walter conciliar todas as histórias que escuta de seus familiares sobre a vida de seu pai.

Quando ainda era criança, a filha de Walter esteve com o pai e, nessa época, ele quis levá-la consigo e fora impedido; suas lembranças desse episódio são mínimas, contudo, a partir das histórias que ouviu dos familiares e empregados da família conseguiu ressignificar essa cena em sua memória, assim como postula Candau, “o conjunto de lembranças que compartilham os membros de uma família participam da identidade dessa família” (CANDAU, 2016, p.137), e a partir dessas lembranças compartilhadas, a filha de Walter teve conhecimento desse episódio passado e, com isso, pode também lembrar-se do acontecimento.

*Disse-se que Walter queria levar na charrete a filha de Maria Ema, no que fora impedido pela família Dias. Disse-se que um cavador de enxada é que dera o alarme de que Walter ia levá-la consigo, apertada no seu joelho. Disse-se que a criança fora retirada de cima dos varais pela mão do próprio Francisco Dias, com o carro já em andamento. [...], Mas disso não me recordo. Lembrar-me propriamente, só me lembrarei de ter sido erguida por ele, no momento da fotografia, quando ambos juntávamos as cabeças, e salvo as idades e as proporções, parecíamos iguais. Mas não lho podia dizer. (JORGE, 2003, p. 11-12)*

O silenciamento a que a mulher foi submetida em séculos de história é a matéria das memórias da narradora de *A manta do soldado*. A filha de Walter centraliza sua narrativa não nos fatos acontecidos, mas naquilo que não foi dito. Sua história é estruturada em torno de um silêncio que lhe foi imposto a fim de proteger o engodo com que se tentou salvaguardar a honra da família Dias, contudo “uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória” (POLLAK,

1989, p.03) e, dessas memórias compartilhadas ou imaginadas, surge a identidade da personagem sem nome – a filha de Walter - que reivindica que sua história seja lembrada.

Sua condição de inominada também demonstra a força do patriarcado exercido pela figura do avô Francisco Dias que, em nome da família, decidiu que Custódio Dias se casasse com Maria Ema, mesmo ela estando grávida do irmão Walter e, ainda, decidiu que a filha de Walter seria tratada como filha por Custódio e, como sobrinha, por Walter. Além de ter ficado por muito tempo com raiva de Walter, Francisco Dias o proibira de voltar a Valmares, e, depois de alguns anos na guerra, apesar das proibições ele voltou e percebemos o desconforto do pai na presença do filho:

*Estavam almoçando a pressa, e não era preciso olhar para a alegria dos cães para saber que Walter Dias estava a mais na empresa familiar, concebida poupadamente à semelhança dum severo estado. O próprio Walter Dias deveria perceber que voltava por engano. A sua terra já não era essa. [...] Walter nem abrisse as malas de latão e já percebera que estava a mais, que todos queriam que partisse de novo. (JORGE, 2003, p. 24-25)*

Ou nessa outra passagem com o desconforto dos irmãos:

*Todos os irmãos estavam perfilados em volta da mesa, severos como numa ceia de Cristo, em que Cristo não existe, só existe o traidor. [...] com enorme esforço, cada um dos Dias arrancaria um conto de réis das poupanças que amontoavam nas algibeiras das calças de fazenda, o que multiplicado por sete fariam uma soma capaz de transportar o irmão mais novo até o fim do mundo. (JORGE, 2003, p. 26)*

Ainda que não conheçamos o nome da filha de Walter Dias, a imagem



que se constrói com auxílio da memória, ao longo do romance revela algumas de suas características físicas, inclusive demonstrando sua semelhança com o pai em uma passagem em que ela tinha apenas três anos de idade e ele se comparou a ela, enquanto ambos se olhavam no espelho. “Meu Deus, como nos parecemos!” (JORGE, 2003, p. 29) foi o que disse Walter Dias enquanto estavam ambos refletidos no espelho. Antes desse episódio, existia uma foto que Maria Ema teimava em esconder, mas que a filha já havia visto muitas vezes e fingia não saber de sua existência, nessa foto também se notavam as semelhanças entre pai e filha, “Também na fotografia eles tinham o mesmo cabelo crespo e as cabeças estavam unidas” (JORGE, 2003, p. 32), na foto em que toda família estava presente, Walter dias erguera a filha “Sabia que conservava o tacto da face de Walter, no momento em que ele a erguia ao colo e a máquina disparava a primeira chapa” (JORGE, 2003, p. 33).

Apesar do silêncio sobre o que ocorreu antes da sua chegada à família Dias, a filha de Walter teve alguns momentos com o verdadeiro pai, que ficaram vivos em sua memória. Nesses episódios em que esteve ao lado do pai, ela admirava-o, a narradora sonhava em aproximar-se do pai, idolatrava-o, mas a honra de Custódio, que assumiu a mãe e a filha, tinha que ser protegida. Walter não poderia ser chamado de pai, por isso, Maria Ema propõe um pacto de silêncio à filha, segundo o qual ela jamais deveria se esquecer de tratá-lo por tio: “Queria pedir-me que nunca trocasse os nomes, que sempre tratasse Walter Dias por tio. Pedia pelo amor de Deus, que jamais me enganasse” (JORGE, 2003, p. 135-136).

O pacto proposto por Maria Ema evidencia sua submissão às regras, as quais lhe ficaram definitivamente gravadas no episódio de sua gravidez – o vexame, a tortura a que os pais a submeteram e, ainda, a se casar obrigada com Custódio Dias, sua punição atua como prova de que não havia como mudar a ordem das coisas naquela sociedade patriarcal.

Dentre tantas lembranças que a filha de Walter redescobriu, uma não



lhe saía da memória, e era a imagem de quando seu pai foi até ela numa noite, depois de um mês que tinha retornado a Valmares: “Por favor, não grites...” Disse ele, na noite em que visitou a filha, pois afinal ela esperava-o, mas não acreditara que pudesse acontecer” (JORGE, 2003, p. 9). Esse pedido vinha carregado de culpa, por não haver partilhado outros momentos com a única filha que tivera.

A menina sempre aguardou que o pai manifestasse seu desejo de tê-la consigo, mas essa noite fatídica era também a despedida de Walter Dias. Essa lembrança tão íntima e tão importante é utilizada, muitas vezes, na obra de Lídia Jorge para reafirmar o discurso. A passagem acima descrita aparece em vários momentos na obra, o que, segundo Ricouer, pode ser entendido como impressão enquanto afecção que “é a que resulta do choque de um acontecimento, que podemos qualificar como notável, marcante” (RICOUER 2007, p. 33), e, se essas impressões são relembradas e as reconhecemos como imagens, tornam-se recordações, enquanto o que foi apagado torna-se esquecimento, a filha de Walter jamais esquecer a visita do pai na calada da noite.

Esse momento aconteceu na realidade uma única vez, porém, a filha de Walter constantemente lembraria esse fato, durante boa parte da narrativa, assim como a chegada de sua herança, dez meses depois da morte do soldado Walter Dias: “Deixo a minha sobrinha, por única herança, esta manta de soldado” (JORGE, 2003, p. 51).

A manta em questão, que intitula a obra aqui analisada, era para Walter Dias um objeto de grande valor sentimental sendo, muitas vezes, retratada na obra de maneiras diversas e, também, o único objeto que ele realmente deixou para a filha. Segundo Adelina, irmã de Walter Dias, a manta era um atlas:

*Ela sabe – Walter andou pela Índia, da Índia foi à Austrália, da Austrália foi à África e depois, durante seis anos, andou de porto em porto entre as duas costas do Atlântico. A manta tem terra de todos esses lugares. Deve estar suja de salmoira, de terra*

*barrenta, terra pingue, terra bichenta das costas de África, terra mosquitosa da América Central, deve ter essas manchas unidas pela água derretida da neve do Ontário, a manta dele é um atlas.*  
(JORGE, 2003, p. 186)

A manta de Walter Dias era um objeto de evocação da sua memória dentro da casa de Valmares, o que nos direciona para a afirmação de Pollak, que salienta que é possível “por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p. 201). Aqui a manta é além de herança material, uma herança memorialística, pois, todas as vezes em que ela é citada na obra, lembranças de Walter Dias são trazidas à tona pelos demais familiares: “Digo-o esta noite para que Walter saiba, diante da sua manta de soldado” (JORGE, 2003, p. 174). Esta passagem se dá quando a filha de Walter retoma as cartas que eram mandadas pelos tios de vários lugares de Portugal e África, por onde se espalharam os seis irmãos de Custódio Dias, que foi o único que ficou ao lado do pai na velhice.

Na manta “residiam” lugares e momentos que Walter Dias vivenciou com mulheres pela África, também nela estava a história da filha que os tios diziam que fora concebida sobre a manta e que Adelina – tia da filha de Walter – achava que o irmão tivesse desvirtuado o simbolismo que mantas de soldado carregavam “uma manta de soldado é um território sagrado. Uma manta é um símbolo da resistência da vida militar, e diz que o irmão destruiu esse símbolo, desviou-o de seu devido lugar” (JORGE, 2003, p.186), até nas cartas escreviam à Francisco Dias, a manta de Walter era citada, a manta é aludida em uma carta de Luísa Dias, mulher e sócia de Inácio Dias, um dos irmãos, que diz:

*Dizem que si toma una copa de más, tira de una mantita que se*

*pone sobre las espaldas y canta. Dizem también que la extiende sobre la cama quando quiere ter intimidad com las mujeres. Inácio fala duma manta que há traído del servicio militar. Dizem que vai para el Silencio, acenando às raparigas com essa manta. [...] En la comunidade, fala-se que veio desde o paralelo cinquenta a deitar mujeres sobre a manta e a abandonar os filhos que faz sobre ella. (JORGE, 2003, p. 184-185)*

A carta de Luísa Dias vem em idioma espanhol embaralhado ao português por que era ela quem respondia as cartas que os irmãos Dias enviavam ao seu marido – Inácio Dias – que vivia em Caracas. Todas as lembranças que familiares, empregados e amigos da família Dias repassaram, mesmo que, inconscientemente e através dessas cartas, à filha de Walter são recuperadas quando a manta chega à casa dos Dias, dez meses após a morte de Walter: “Tudo ficou em aberto, esta noite em que de novo ele sobe devagar, erguendo-se a partir desta manta, um desfile de imagens extraordinárias reformulando todos os filmes antigos. Desde as corridas nos carros, ao abraço dentro da fotografia...” (JORGE, 2003, p. 236), muitas vezes a fotografia em que pai e filha estão juntos é relembrada, pois era das poucas lembranças que restaram de Walter Dias, além da manta e na qual eles estavam juntos, apesar do pacto de aparências sustentado por Francisco Dias.

Muitas cartas dos filhos de Francisco Dias chegavam e todas elas tinham o mesmo teor, contavam sobre a fama que Walter Dias fizera por onde passava. Para a filha de Walter, “eram cartas envenenadas” (JORGE, 2003, p. 189), elas continham as lembranças do tempo em que todos viviam juntos na propriedade rural do pai e as lembranças recentes propagadas entre os irmãos, que poderiam ser lembranças deturpadas pela imaginação, pois o imaginário é um campo pulsante.

As “cartas envenenadas”, antes do julgamento, poderiam ser o reflexo da inveja que sentiam do irmão caçula e da sua audácia em sair desbravando

o mundo, por esse motivo ganhou do pai o apelido de “Trotamundos”, Walter Dias era um ser lendário e muito do que os irmãos diziam nas cartas não era comprovado. Mesmo assim:

*Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. Ninguém pensaria em dirigir semelhante censura à imaginação, na medida em que esta tem como paradigma o irreal, o fictício, o possível e outros traços que podemos chamar de não posicionais. (RICOUER, 2007, p. 40)*

Devido à sua posição de bastarda, a filha de Walter sempre recorria às suas lembranças para se sentir viva, possuir uma identidade, mesmo em um contexto familiar em que nada a reconhecia com uma dos Dias, sua posição era totalmente fictícia dentro daquela família, em que chega-se ao ponto de todos agirem como numa cena teatral, quando Walter finalmente faz uma visita à casa do pai, chegando de surpresa: “Levantou a altura dos ombros cada um dos meus irmãos, seus sobrinhos, e pôs um beijo em cada face da mais velha, a sobrinha. Ele mesmo disse – “Abraça o teu tio Walter” Ele mesmo disse. Todos disseram. Estavam combinados.” (JORGE, 2003, p.105). A filha de Walter se considerava uma intrusa, tal como o pai, embora em ambos corresse o sangue de Francisco Dias, somente em seu quarto a filha de Walter se sentia protegida, pois pensava estar a salvo das tribulações, do desconforto de se sentir uma intrusa no próprio seio familiar. Por esse motivo o quarto e os objetos que lá se encontravam adquiriam tamanha importância, pois

*[...] as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos “lugares de memória [...] os lugares*

*“permanecem” como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras. (RICOUER, 2007, p. 57-58)*

Os objetos de Walter Dias, jamais poderiam ser avaliados pela filha como coisas sem importância, pois como nos revela Pollak, “nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores.” (POLLAK, 1989, p. 9) A filha de Walter mantinha guardado em uma gaveta do quarto o “Álbum dos Pássaros de Walter Dias” (JORGE, 2003, p. 21), suas cores e seus traços, desenhos que fazia dos pássaros das terras por onde havia passado, este álbum era considerado seu maior tesouro e também “a farda encerrada no roupeiro do quarto onde dormia [...] Walter ter ficado inteiro dentro do roupeiro” (JORGE, 2003, p. 36), ou seja, ela mantinha ali o cheiro e os objetos confeccionados pelo pai. Dessa forma, conservava o armário e os objetos do pai particulares, exclusivamente para seu agrado, para mantê-lo fechado, impenetrável ao contato estranho, utilizava uma chave e, de tal modo, esse espólio poderia ser desfrutado tão-somente por ela. Para ela, tal como na obra de Bachelard, “o espaço interior do armário é um espaço de intimidade, um espaço que não se abre à toa [...] No armário, só um pobre de espírito poderia colocar uma coisa qualquer” (BACHELARD, 2005, p. 70).

Apesar de o quarto da filha de Walter ser um lugar de memória, para ela, foi também nesse local que a imagem idealizada do pai começou a ruir. Na fase adulta de sua vida começou a compreender o que realmente havia acontecido, quem era seu verdadeiro genitor, deixando assim de admirar a figura do pai-herói.

Começou, então, a escrever narrativas que desmistificavam a imagem



de Walter, mencionando, inclusive, o meio de transporte de que se utilizava para satisfazer os desejos sexuais: “a charrete de diabo”. Dessa forma, o quarto da inominada não só servia para seus devaneios, mas foi o local usado para refletir sobre a verdade e desmascarar o pai, mesmo sendo doloroso para ela.

Ainda assim, os ambientes e os pertences da filha do Walter adquiriam importância, justamente porque estavam relacionados com a figura dele. A filha de Walter tinha a necessidade de adquirir uma identidade que só encontraria estando associada ao pai biológico.

### **A manta que se dobra**

As memórias da filha de Walter podem ser de caráter libertador, porém, para além daquilo que não foi dito, as memórias e a imaginação são um grito sobre o que poderia ter sido, um grito de revolta sobre toda uma vida não vivida em sua plenitude porque sobre ela se estendeu em um pacto de preservação das aparências:

*O filme de Walter Dias – Ela queria ter dito que tinha quinze anos, mas que estava habituada a por o filme de Walter a rodar, sempre que desejava, estivesse onde estivesse [...] e esse filme era uma herança imaterial, invisível para os demais, mas concreto para si, um filme onde ninguém entrava nem saía que não fosse por vontade dela. Um filme feito sobre a aparição de Walter. [...] Não, não se moveria, ficaria encostada à tábua alta da cama, e no entanto queria agradecer-lhe por ter entrado, em cinquenta e um, pelo portão largo, [...] a casa onde morava Maria Ema e a filha pequena a quem Walter trataria por sobrinha [...] (JORGE, 2003, p. 23-24)*

E esse filme que sempre rodava era a busca pela memória de seu pai, era a esperança que um dia ele voltasse para buscá-la, era o silêncio arrasador



que desceu sobre a identidade da filha de Walter e sobre a casa de Francisco Dias, ela, que apesar que querer rever o pai, também se sentia culpada por existir, sentia que por sua culpa todas as lembranças suscitadas poderiam ter sido diferentes.

*Mas se não tivesse sido eu, Maria Ema estaria ao lado de Walter, os filhos de Custódio Dias seriam numa outra mulher e os meus irmãos seriam filhos de Maria Ema Baptista e Walter Glória Dias. Talvez só eles existissem, não eu. Eu era a filha dum acaso, dum ímpeto, dum desencontro de viagem, dum bruteza da juventude, da exuberância do corpo. [...] uma condição herdada que me fizera imagem e semelhança da própria culpa. (JORGE, 2003, p. 134)*

Assim como acontece com a narradora-protagonista-inominada, as memórias mais íntimas de seu pai e de seus parentes são trazidas à tona e revelam tristezas, momentos ásperos e de inteira indignação dos habitantes de São Sebastião de Valmares. A intensa repressão era visível, dentro e fora da casa de Francisco Dias. Portanto, seja dentro da casa de Valmares ou fora de seus limites territoriais, todas as ações e todos os espaços de convivência se transformaram em memórias.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. – 3º reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JORGE, Lúcia. *A manta do soldado*. Rio de Janeiro. Editora Record, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Submissão: 08/08/2018

Aceite: 12/11/2018